

O RETRATO DE CASAMENTO

Miriam Lifchitz Moreira Leite

Parte quase insubstituível, o retrato vem sendo o legitimador e faz parte da publicidade do casamento. Não só torna pública uma relação como, com o passar do tempo, acaba se confundindo com a lembrança do próprio casamento.

Como um dos principais ritos de passagem, o casamento encontra-se em quase todas as sociedades e simboliza uma alteração irreversível da situação social do casal que, proveniente de duas famílias ou de dois ramos da família, une-se para formar uma terceira. Em grande parte, o casamento está mais ligado à passagem da moça donzela a esposa e anjo tutelar de nova linhagem. Em muitas sociedades, o casamento corresponde à passagem à maturidade, à vicia adulta da mulher.

Inúmeros ritos matrimoniais, entre os quais o vestido de noiva e o retrato, compreendem significados e interdições tendentes a fixar na memória coletiva a lembrança da cerimônia, com palavras e gestos estabelecidos pelo costume. Enquanto os ritos se estabelecem para tornar público e legalizar um ato privado, estabelecem-se também os interditos, para traçar os limites entre o lícito e o ilícito e entre o puro e o impuro.

Os retratos de casamento das sociedades ocidentais registram esses rituais, de um significado social que muitas vezes sobrevive ao significado original, acabando por alterá-lo. A cor branca do vestido da noiva tem sido uma constante que se destaca na foto, mesmo quando os outros símbolos se ausentam ou se alteram. O branco representa a pureza, a castidade, a dignidade e a submissão da jovem. Existem, contudo, entre camponeses alemães do sul do Brasil retratos de noivas de preto. Encontrou-se documentação referente à noiva de preto, na cultura camponesa européia. Para o camponês, o preto significa fertilidade, o húmus da terra, as cinzas fertilizantes em contraposição à brancura da morte e do gelo hibernal.

Outra constante dos retratos de casamento é o véu. Curto, longo, cobrindo toda a noiva ou apenas uma parte do rosto. O véu é o símbolo

da virgindade e esta, uma propriedade e um direito do marido, que descobrirá a noiva mal entrevista e só conhecida superficialmente até então. Uma fotógrafa alemã, numa exposição de 1980 sobre a noiva, colocou-a sempre em cenários desolados e fluidos, em que as moças estão cobertas por véus que protegem a sua fisionomia, dando eloquência à ocultação da virgem...

Os presentes e as flores, que às vezes enfeitam a fotografia, referem-se à transferência de bens materiais, enquanto a união é simbolizada pelo beber numa única taça, pelo trocar de copos e pelas mãos ou braços enlaçados. O noivo deve pisar o vestido da noiva para assegurar a autoridade sobre o casal.

O retrato é o último ato de publicidade da união, que já foi testemunhada pelos que viram os proclamas, os convites ou participações e acompanharam o cortejo nupcial. Como os brindes, o banquete, o vestuário, a decoração e todo o consumo e ostentação de riqueza, o retrato, por sua qualidade e quantidade, pretende estabelecer o prestígio social do casal, ou das famílias de que proveio.

A aliança, um círculo de ouro, uma figura sem fim indica a indissolubilidade do casamento, que representa um compromisso eterno. Essa aliança é colocada no 4º dedo da mão esquerda como símbolo de submissão, ligando-se a uma veia que leva diretamente ao coração, e reflete a união sexual e emocional.

De uma forma ou de outra, todos esses rituais simbolizam uma reciprocidade de serviços e de propriedades de bens de produção e de consumo, a ascendência masculina e o trabalho feminino, na procriação, na distribuição de bens e serviços e na preservação da família. E a formalidade do cerimonial reunida à exuberância dos festejos e das danças correspondem ao equilíbrio das forças da sexualidade pelo casamento.

Esses costumes e crenças que compõem o rito de passagem vão ser registrados através de outro ritual — a reprodução fotográfica. Em muitos casos a origem se perdeu e o significado de cada um dos ritos que aparecem através do retrato vai se alterando. Mas por que o rito se mantém?

Por que, com a diminuição dos casamentos das classes médias e altas e a alteração sensível dos relacionamentos sexuais, muitos desses ritos permanecem e o retrato de casamento se conserva um ritual legitimador da família, funcionando mesmo como um elo de gerações e de concórdia, quando, depois de uma união não aprovada, o casal se legitima e é aceito pelas famílias de origem?

Como se explica que com o aumento das uniões consensuais, com a equiparação dos papéis e as novas formas de solidariedade conjugal se mantenham e estejam mesmo se desenvolvendo o comércio de vestido de noiva e de trajes de cerimônia, as alianças, as lojas e listas de presentes, e os véus continuem a ser exibidos em vitrinas, cortejos e fotografias?

Por que o ritual do retrato continua a registrar e em alguns casos a substituir a lembrança do casamento, incluindo uma simbologia a que os participantes não têm mais acesso? Houve um momento em que as mo-



Marjory Collins,
vitrine de fotógrafo
na Bleech Street,
Nova York, 1942



A noiva de preto,
Frau im Spiegel,
28.11.85



A Noiva no Bosque,
Darcy Penteadó,
1980

Casamento de
família tradicional
paulista
(no jardim), 1917



ças se envergonhavam de ser virgens, como alguém que esconde uma deficiência física. Mas continuaram a cobrir-se com o véu vaporoso. Principalmente após a década de 60, o casamento passou a ser uma união de companheiros que procuravam juntos enfrentar as dificuldades da vida, tanto para se sustentarem como para criar os filhos. Contudo, as exigências do ritual do casamento não só permaneceram, como se complicaram com a introdução de nova tecnologia. Gravações em fita cassete, gravações em vídeos ou em filmes e o desenvolvimento, nas grandes capitais, de toda uma indústria de festas e serviços preparatórios das noivas. As escolhas do par não são mais feitas pelas famílias dos noivos, embora venha aumentando a dependência econômica e emocional das novas em relação às velhas gerações.

Por que então a noiva sempre se destaca (na fotografia sépia, colorida ou branca e preta) diferindo de todas as outras mulheres presentes e ornamentada com fitas, flores e véus, em contraste com o noivo e as famílias? O contraste foi muito expressivamente captado pelo pintor Darcy Penteado, que o levou às últimas consequências em sua tela *A Noiva do Bosque* (1980) quando de uma de suas exposições finais, sugerida por álbuns de família. Num fundo azul, verde e preto, que lembra uma floresta sobre um mar, desenha-se num canto a alva solidão de uma pequena figura feminina, com o véu descendo até os pés e as fitas que amarram as rosas brancas chegando à barra do vestido branco.

É a própria representação do casamento, como momento isolado entre a separação da família de origem e dos companheiros da adolescência e a integração a uma nova família. A moça só, e assustada com o destino desconhecido que a espera, embrulhada como presente vistoso, num envoltório de beleza e suavidade, para assumir o papel social — transformar-se em mãe de família. Ela está paramentada e revestida com a aura da beleza, iluminada pelo reflexo da luz na roupagem branca e parece estar fixada em um pedestal. Os símbolos são sacramentados pela luz dirigida.

Os retratos de casamento têm, frequentemente, duas formas fundamentais: o retrato das duas famílias, com membros de duas ou três gerações, com os noivos sentados ou de pé na primeira fila, ou o retrato frontal dos noivos, de pé, fixando a objetiva.

Existe uma diferença fundamental e expressiva entre as fotos de casamento e o quadro representativo da noiva, na floresta oceânica. As fotografias são quase sempre fotografias de interiores — interior da casa, pátio interno ou jardim, interior do templo —, enquanto a noiva desenhada é concebida como um elemento isolado contra a natureza exterior. Enquanto as fotografias representam situações concretas, que não deixam de ter um significado expressivo dentro do grupo, expresso pela casa, que pode ser o interior do grupo ou o interior dos indivíduos, a pintura representa os signos da mulher, isolada do grupo de proveniência e ainda não integrada ao de destinação, envolvida pelas forças de condições naturais. É o obje-



Casamento de família judia
(interior da casa), 1919

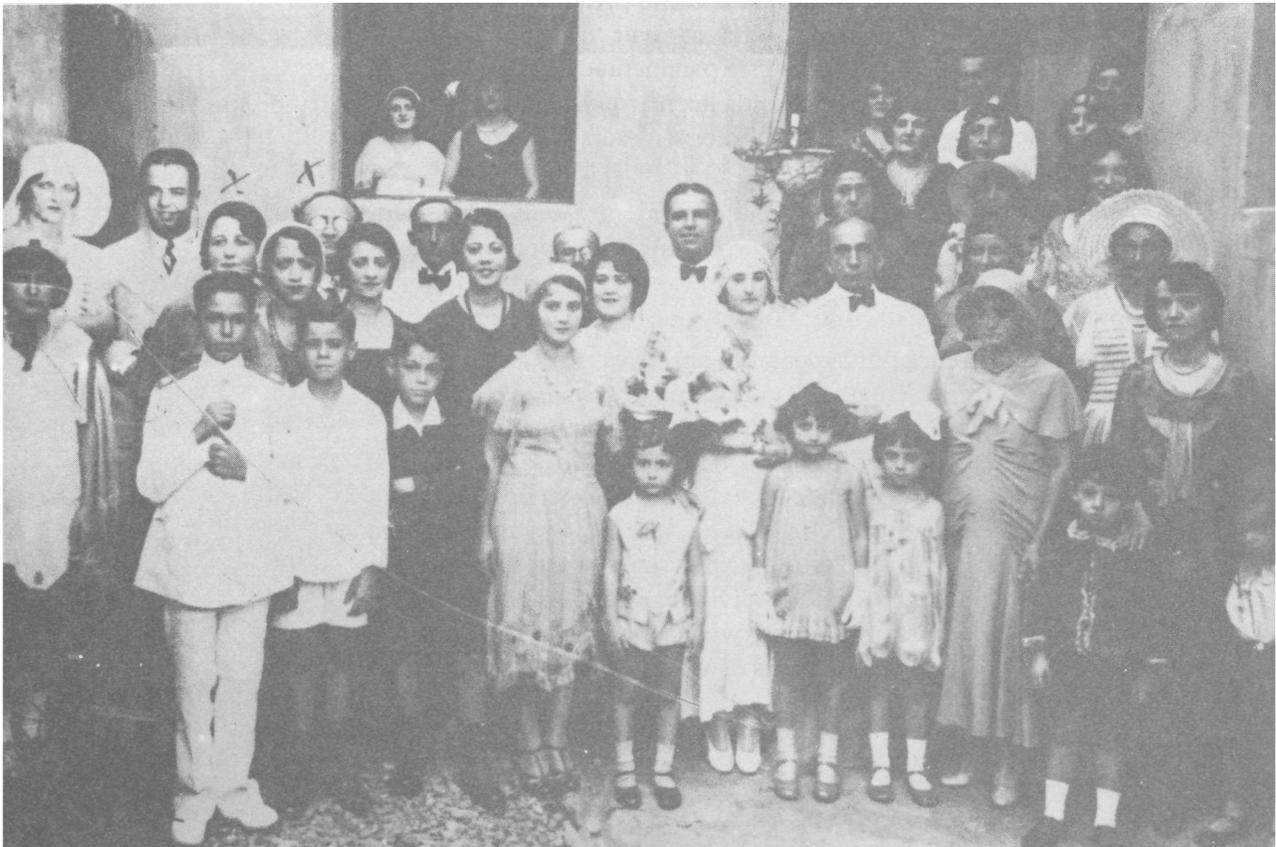


Casamento de família libanesa
(interior da casa), 1909



Casamento de brasileiros
no exterior (a noiva exhibe
a Certidão de Casamento), 1986

Casamento no Rio de Janeiro (pátio interno), 1931



to retrato que fornece o exterior, a publicidade do ato interior do casamento.

E ainda que o ritual de reprodução dos retratos de casamento de proveniências diferentes e feitos em grupos em diferentes momentos representem uma reafirmação da vida, perpassa pelo quadro a ameaça de morte sobre a figurinha lateralizada, branca e reduzida diante do poder azul, verde e negro das árvores e das ondas, acentuando a solidão do momento, intermediário entre a separação e a integração.

As despesas com o fotógrafo e o material fotográfico, mesmo em famílias de poucos recursos, passaram a fazer parte do desperdício alimentar e da ostentação dos trajes que marcam a festa do casamento. Os retratos fixam um momento que funciona como extensão de momentos anteriores de duas linhagens diferentes. Os retratos são objetos de exibição e distribuição entre convidados e parentes que não puderam comparecer, desenvolvendo assim uma função integradora dos membros e ramos imigrados com os que ficaram na terra de origem. E passam a construir a memória da família, fixando lembranças da crônica oral e registrando para os descendentes o grande evento matricial.

Como o retrato deve tornar pública a união, existe uma preocupação que é não só dos noivos, mas das famílias de origem, de produzir um espetáculo para ser apreciado por todos os conhecidos, parentes ou não, para reafirmar que se realizou um "bom casamento". O retrato é tirado quando o casamento é consagrado pelas duas famílias que muitas vezes ainda são dois ramos da mesma família. Nos casos de dissidência, fuga ou sedução, o conflito com as famílias torna o casamento "irretratável" e o retrato só aparecerá como forma de reconciliação das famílias de origem com o novo casal. Será neste caso o retrato posado do casal às vezes já com filho ou filhos.

A ausência do retrato de casamento, portanto, faz parte de uma série de sanções que recaem sobre uma aliança insatisfatória. O casal desaprovado, ou aprovado com restrições, recebe oferendas e doações reduzidas ou anuladas das famílias ao novo casal. Essas soluções comportamentais variam de acordo com a camada da população, mas os valores e aspirações que estão implícitos nesses comportamentos parecem homogêneos. Quando o concubinato é uma alternativa válida do casamento, acompanhada ou não de cerimônia religiosa ou social, o retrato reaparece e pode constituir, em alguns casos, o único ritual social referente à aliança.

Mas na década de 80, quando já não se diz às crianças que se queixam de alguma dor: "Até o casamento sara", como para as crianças de 1930 e 1940; em que os filmes de classe B e as histórias de fada não terminam com um casamento, em que todos foram felizes para sempre; em que as separações e divórcios aumentam de número a cada ano; o que leva os jovens a conservar os rituais do casamento e do retrato de casamento? Haveria uma volta a valores tradicionais, em que a mulher era preparada desde jovencinha para o seu grande dia, quando será o centro e a prima-dona da festa, o dia em que todos os olhares estarão presos em seu corte-

FOTOGRAFIAS

As fotografias que completam este artigo, das quais algumas são aqui reproduzidas, provêm, em grande parte, de um acervo de famílias de imigrantes para São Paulo, principalmente de 1890 a 1930. Formei esse acervo para desenvolver o projeto-piloto do trabalho sobre a leitura da fotografia histórica, e a ele acrescentei, como material comparativo, fotos de famílias tradicionais brasileiras, fotografias de revistas que complementavam ou exprimiam melhor o sentido extraído do acervo inicial. É o caso das noivas de negro, com véu branco, do casamento no Piauí e da reprodução do quadro do pintor Darcy Penteado. De certa forma, os retratos de casamento do acervo (indicados pela origem dos imigrantes e a data em que o retrato foi tirado) inspiraram este artigo a respeito do ritual da fotografia, e os demais funcionam como confirmações das interpretações propostas para as permanências e mudanças do ritual. Como disse a fotógrafa norte-americana Dorothea Lange (1895-1965) numa entrevista, "Não gosto do material escrito que diz o que a pessoa deve ver, ou que explica a fotografia. Gosto do material que fornece um panorama ou o fortalece sem dirigir o espírito da pessoa. Não precisam ser suas idéias. Mas coisas colecionadas e arquivadas".

jo nupcial, que a levará ao patamar de senhora socialmente integrada à sociedade?

Evelyne Sullerot, autora de livro sobre o casamento com o nome eufêmico de *Para o Melhor e sem o Pior*, de 1984, considera que não tem aumentado o número de casamentos (pelo menos na França). O que ocorre é que o seu número não tem diminuído e que as pessoas se casam por razões diferentes daquelas pelas quais se casavam. Não se tem mais hostilidade ao casamento, mas as regras parecem ter mudado. O casamento não exprime a obediência feminina ao marido, mas a garantia de auxílio mútuo. O casamento não é quase pensado como o ritual da fundação de uma família. Mas casa-se porque se têm filhos. Apresentam-se razões práticas para o casamento: facilitar a vida, oficializar a relação, obter o visto, pagar menos imposto ou dividir o aluguel da casa.

Não ocorreu uma volta às tradições — um ritual complicadíssimo, precedido de um longo período de persuasão e aproximação, acrescido de interdições e compromissos burocráticos. Hoje, as coisas se simplificaram e se processam mais rapidamente. Uma das fases da aproximação — o noivado (o compromisso) — chegou a desaparecer. E o aumento das separações e desajustes entre casais parece provir de uma exigência crescente de felicidade como resultado do casamento. De certa forma, continuou-se a pensar no casamento como remédio milagroso para os problemas, quando em muitos casos vai provocar o agravamento deles. A solidão só desaparece quando a pessoa escolhida para o casamento encarna o papel de complemento insubstituível da primeira. Mas não existem diferenças fundamentais entre o casal casado e o não casado. Ambos fazem exigências mútuas de fidelidade e intensidade de amor. A diferença fica unicamente no compromisso de duração da ligação. O que há de novos casamentos atuais é a importância atribuída ao humor e à descontração. Uma das fantasias mais comuns é a de que o casamento deveria ser uma festa permanente, o que aumenta o número de separações por decepção e tédio.

Com todas essas alterações numéricas e de conteúdo a permanência dos rituais de casamento que incluem o retrato provém de questões ligadas à memória individual e coletiva. O imaginário feminino absorve desde a infância lembranças e sentimentos que lhe foram sugeridos pelas imagens colhidas em álbuns de família ou conversas recorrentes de seus membros. Mesmo sem reforços verbais insistentes, acaba incorporando o papel que dela se espera. Toda a vida de solteira, por mais moderna que seja a jovem, é um exercício preparatório para o papel adulto e social. Só poderá desempenhá-lo após o casamento, que assume o caráter não de passagem ou sacramento, mas de consagração, em que o cerimonial é elaborado e lembrado como dia de glória. Os sentimentos e os comportamentos individuais e sociais reforçam, de várias maneiras, esses componentes do imaginário feminino, criando em torno do ritual do casamento um efervescente halo de reaproximação. Desde o cortejo, reaproximando os noivos das famílias e dos amigos, até o acolhimento da moça no

REFERÊNCIAS

Ariès, Ph. e Bejin, A. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 153-193.

Bourdieu, P. et Marie Claire. "Le Paysan et la Photographie", in *Revue Française de Sociologie* VI (2), pp. 164-174, 1965.

Bourdieu, P. *Un Art Moyen — essai sur les usages sociaux de la photographie*. 2. ed., Paris, Les Editions de Minuit, 1965.

Duby, Georges. "O Casamento na Alta Idade Média", in *Idade Média, Idade dos Homens (Do amor e outros ensaios)*; trad. de Jonatas Batista Neto. São Paulo Companhia das Letras, 1989, p. 11.

Durand, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Trad. de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo, Cultrix-Edusp, 1988.

Gennep, Arnold von. *Les Rites de Passage*. Switzerland, Mouton, 1969.

Romanelli, Geraldo. *Famílias de Camadas Médias: a trajetória da modernidade*. São Paulo, tese de doutorado em Sociologia, 1986 e Bruschini, Maria Cristina Aranha. *Estrutura Familiar e Vida Cotidiana na Cidade de São Paulo*. São Paulo, tese de doutorado em Sociologia, 1987.

Roper, Lyndal. "Going to Church and Street — Weddings in Reformation Augsburg" *Past & Present* 106, feb. 1985, pp. 62-101.

Segalen, Martine. "Robe Blanche et Photo de Noce", *Autrement* 7(10-21): nov. 1976.

Slater, Miriam. "Marriage in an Upper-gentry Family in Seventeenth Century England", *Past & Present* 12:25-72, August 1976.

Sullerot, Evelyne. *Pour le Meilleur et sans le Pire*. Paris, Fayard, 1984.

círculo e preocupações das senhoras mães de família, com todas as alterações por que o casamento tem passado e apesar de sua possível multiplicidade, o primeiro casamento, ainda que negado pelo casal, continua a ter uma força social irrecusável e continua a ser para os fotógrafos uma fonte de inspiração, de beleza e encantamento, para o que põem em jogo toda a tecnologia disponível. E na criação e recriação da imagem paradigmática da criação da família os velhos símbolos convivem com os novos sentimentos e aspirações, pois é de sua essência uma reversibilidade contínua de sentidos que se transfiguram nos rituais do casamento, através da redundância da renovação, do reinício, da reparação, da restauração, do restabelecimento, do reaparecimento e do rejuvenescimento, como afirmações da vida.

Miriam Lifchitz Moreira Leite é pesquisadora do Centro de Apoio à Pesquisa em História do Depto de História da FFLCH da USP.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 29, março 1991
pp. 182-189

RESUMO

O retrato de casamento passou a ser um ritual complementar ao rito de passagem — casamento —, quase desde os primórdios da invenção e difusão comercial da técnica fotográfica. O retrato registra a mudança de *status*, principalmente da noiva, mas também das famílias de origem, e em inúmeros casos substitui o ritual completo, que vem perdendo o conteúdo sagrado e se adequando a novos significados sociais. O estudo de fotos de casamento de famílias tradicionais, de famílias de imigrantes de diferentes origens, rurais e urbanas, de vitrines de fotógrafos ou de biografias de fotógrafas revela a permanência desse ritual, ainda que com novos significados e como uma substituição parcial do antigo ritual do casamento.